



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CURSO DE FILOSOFIA**

**ANTÔNIA MAYARA LIMA DA SILVA**

**O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS**

**CAMPINA GRANDE  
2011**

**ANTÔNIA MAYARA LIMA DA SILVA**

**O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

**CAMPINA GRANDE  
2011**


**ANTÔNIA MAYARA LIMA DA SILVA**

**O Problema dos Universais**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em 6 de dezembro de 2011.

**Banca examinadora**



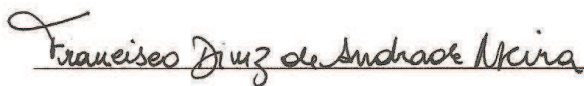
Profa. Dra Maria Simone Marinho Nogueira – UEPB

Orientadora



Prof. Ms. Carlos Antonio de Souza – UEPB

Examinador



Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira – UFPB

Examinador

S586p Silva, Antônia Mayara Lima da.  
O Problema dos universais [manuscrito]: /Antônia  
Mayara Lima da Silva. – 2011.  
20 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho  
Nogueira, Departamento de Filosofia”.

1. Pensamento Filosófico 2. Universais 3.  
Filosofia Medieval I. Título.

21. ed. CDD 153.42

## RESUMO

Antônia Mayara L. da Silva<sup>1</sup>  
Maria Simone Marinho Nogueira<sup>2</sup>

Nosso texto aborda um tema bastante complexo e ainda não resolvido por aqueles que buscaram refletir sobre a querela dos universais. Assim, o objetivo central desta pesquisa é analisar o pensamento medieval acerca deste problema. Para tanto, tratamos o assunto em três partes: a primeira parte tem como objetivo apresentar um recorte sobre os universais, recorrendo a Platão e a Aristóteles, na Filosofia Antiga, além de Porfírio que ao escrever sua obra *Isagoge*, com a finalidade de que essa servisse como introdução as *Categorias* de Aristóteles, apresentou o que mais tarde se tornaria conhecido como o problema dos universais. A segunda parte tem como objetivo mostrar como se deu a entrada do problema na Idade Média. Vemos que foi com Boécio, que ao comentar a obra de Porfírio, discutiu o problema dos universais de tal modo que suscita, até hoje, várias discussões. Já a terceira parte tem como objetivo apontar, de forma breve, a teoria de Pedro Abelardo sobre os universais, já que este se destacou, na sua época, como um pensador que procurou encontrar uma possível solução que oscila entre o realismo e o nominalismo. Enfim, tratamos de um tema que vem sendo considerado como questão típica e responsável pelo desenvolvimento do pensar intelectual na Idade Média desde o século X ao século XII e que tem repercussões na filosofia contemporânea.

**Palavras – chave:** Problema. Universais. Lógica. Filosofia Medieval.

### Abstract

This paper approaches a very complex issue that has not solved by those who thought about on the lament of universals yet. The aim of this research is to analyze the medieval thought about it. Then, this research is divided in three parts. First of all, we selected some information about the universals, using the ideas of Plato and Aristotle in Ancient Philosophy; and Porphyry, during the creation of his *Isagoge*, in order to serve it as an introduction to the Categories of Aristotle, he presented something that became known as the problem of universals later. The second part aims to show how was the entry of the problem in the Middle Ages. We will see Boethius, who commented on the writings of Porphyry and had discussed the problem of universals in a inspiring and discursive way. The third part aims to point out the theory of *Peter Abelard* on universals briefly, once he was stressed during his time as a thinker who tried to find a possible solution that varies between Realism and Nominalism. Eventually, we deal with a theme that has been considered as a typical and responsible question for the development of intellectual thought in the Middle Ages from the tenth to the twelfth century, and that still has an impact on contemporary philosophy.

**Keywords:** Problem. Universals. Logic. Medieval Philosophy.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba

<sup>2</sup> Professora do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba

## INTRODUÇÃO

O problema dos universais vem ao longo do tempo sendo investigado por vários pensadores, desde os antigos até os medievais, onde foi retomado com grande ênfase. Boécio “abriu as portas” para essa discussão, de modo que outros autores, ao refletirem sobre esse tema, tomaram posições consideradas clássicas. Nessa disputa sobre os universais, surgiram várias correntes, a saber: o nominalismo, o realismo e o conceitualismo. O nominalismo foi uma das principais correntes filosóficas da idade média, tendo como expoentes defensores como Roscelino e Guilherme de Ockham. O realismo, por sua vez, defendido por Guilherme de Champeaux e em parte por Anselmo de Aosta, pode ser dividido em realismo exagerado e realismo moderado. Já o conceitualismo é a tese defendida por Pedro Abelardo.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo realizar uma breve análise sobre o pensamento medieval, acerca do problema dos universais. Para tanto, iniciamos nossa análise expondo, na nossa primeira parte, a contribuição de Platão e Aristóteles para o desenvolvimento do problema, já que estes dois filósofos refletiram sobre os conceitos universais e suas relações com a realidade. Também não podemos esquecer de Porfírio que ao escrever sua *Isagoge*, com o objetivo de que essa servisse como introdução às *Categorias* de Aristóteles, apresentou o que mais tarde se tornaria conhecido como o problema dos universais.

Na segunda parte, apresentaremos como se deu a entrada do problema do universal no medievo – foi pelo comentário de Boécio a *Isagoge* de Porfírio, que foi apresentado o problema dos universais como o conhecemos hoje. Após esse comentário, surgiram várias teses distintas, que debatiam acerca de tal problema.

Na nossa terceira parte, iremos apontar brevemente quem foi Pedro Abelardo e sua contribuição não somente para o estudo da lógica, mas também na teologia, na ética e até mesmo na literatura. Nossa análise de uma das obras mais importantes de Pedro Abelardo, a *Lógica para Principiantes*, onde ele vai tratar do problema dos universais, percebemos que Abelardo apresenta os diversos conceitos sobre o universal e ao mesmo tempo insere suas opiniões e concepções para, no fim, chegar a uma solução do problema, fundamentando a tese que pode ser chamada de conceitualista acerca dos universais.

O problema dos universais foi e é muito atual, pois sua complexidade, o torna fascinante e ao mesmo tempo não se restringe apenas à lógica, mas também permite ser discutido em diversas outras áreas do conhecimento humano.

## 1. A LÓGICA COMO “RAMO” DA FILÓSOFIA

O interesse pela lógica no século XII dá-se com o chamado problema dos universais, dividindo os estudiosos em antigos e modernos, e é exatamente nesse último que se encaixa o mestre Pedro Abelardo, destacando-se por rebater as teses de seus professores e também como professor de dialética. O problema dos universais vem sendo considerado como questão típica e responsável pelo desenvolvimento do pensar intelectual na Idade Média, desde o século XI ao século XV, destacando-se, sobretudo, no século XII, onde o mesmo encontra, por assim dizer, as possíveis vias de soluções.

Constitui um problema crucial, cujo seu desenrolar chega a questões fundamentais da Filosofia, como por exemplo, a ontologia, a lógica, a teologia e a cosmologia, tendo como destaque a figura de. Abelardo, que contribuiu de maneira ímpar para o desenvolvimento da lógica em sua época, bem como até os dias de hoje.

Entretanto, Abelardo não foi o primeiro a tratar dessa questão. Podemos encontrar escritos sobre tal problema mesmo nos antigos, Platão e Aristóteles, por exemplo, embora tal temática não fosse designada como “problema dos universais”. Como se sabe, as filosofias platônica e aristotélica procuravam as essências imutáveis e os elementos que constituíam o “Ser” em sua totalidade. Sendo assim, buscamos nessa primeira parte, de forma sucinta, apresentar os pontos de vista desses dois grandes filósofos, no que se refere aos pressupostos do problema.

Por último, porém não menos importante, falaremos de Porfírio, este fenício que teve papel de destaque nessa busca pela compreensão do que seriam esses chamados universais, ao fazer um comentário de uma obra aristotélica, *Categorias*.

### 1.1 Platão e as Formas

O mundo das idéias descrito por Platão constituiria o mundo verdadeiro, o verdadeiro ser, que separado do mundo sensível, existe em si e por si. As idéias eram apresentados por ele como formas, que tinham auto-suficiência e nos auxiliavam na compreensão de nossas experiências no mundo. Sendo assim, uma pessoa bela *participaria* da forma da beleza, onde tal forma só poderia ser conhecida pelo intelecto e não pelos sentidos.

Podemos entender, então, que os objetos particulares que hoje temos acesso pelos sentidos são apenas cópias imperfeitas das idéias (formas), porém, os universais existiriam

independentes das cópias, pois o mesmo é eterno e imutável. Desta forma, como nos esclarece Reale:

[...] existe também uma dialética descendente que, percorrendo o caminho inverso, parte da Idéia suprema ou de idéias gerais e, por um processo de divisão (procedimento diairético), isto é, mediante a distinção progressiva das idéias particulares contida nas Idéias gerais, consegue estabelecer a posição que determinada Idéia ocupa na estrutura hierárquica do mundo das idéias.<sup>3</sup>

Ou seja, esse movimento seria de cima para baixo, onde tudo aquilo que contém o universal (a idéia ou forma), serviria para a formação do particular, sendo este apenas uma cópia do universal, estabelecendo assim toda a hierarquia da Teoria das Idéias platônicas.

## 1.2 Aristóteles e as categorias

Aristóteles discorda da teoria platônica, dizendo que as idéias se tornam inúteis quando é preciso explicar o movimento das coisas, pois se elas existem por si mesmas, como poderão as idéias, que são imóveis, serem a causa da mudança das coisas, do seu vir-a-ser? Sendo as formas imóveis, estas não poderiam ser a causa do movimento, e se todos os particulares são uma simples cópia, os mesmos deveriam ser também imóveis.

Aristóteles foi um dos filósofos gregos mais importantes para o desenvolvimento da lógica na história da filosofia, e não se pode falar de universais sem citar uma das suas principais e mais importantes obra, *Categorias*. Na forma clássica da lógica, toda proposição pode ser reduzida a S e P (sujeito e predicado), analisando o modo, circunstâncias e de que forma podemos atribuir a um sujeito um determinado predicado. Esse predicado seria uma das maneiras de ser do sujeito, e tais maneiras podem ser classificadas em categorias. O professor Giovanni Queiroz, conseguiu de maneira simples e direta explicar tais categorias:

Qualquer termo (palavra) que designa algo que é, designa uma substância (um ser) ou um acidente (um modo de ser); estes modos de ser são vários e significam quantidade, qualidade (gramáticos), relação (pai/filho, maior), lugar (na sala), tempo (quando), posição (sentado), estado (vestido), ação (corre) ou paixão (doente). A este estudo Aristóteles consagrou um livro – “*Categorias*”, bastante conhecido pelos medievais, tendo sido comentado por Porfirio (232-305), traduzido e comentado por Boécio (480-524) e que desempenhou papel importante na discussão dos universais.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> REALE, Giovanni. História da Filosofia: filosofia pagã antiga. Tradução de Ivo Storniolo. V. 1. São Paulo: Paulus, 2003. p. 149.

<sup>4</sup> QUEIROZ, Giovanni. Pedro Abelardo e sua contribuição à lógica – a questão do universais. s/p



Além dessas categorias, Aristóteles também estabeleceu cinco diferentes atributos, são eles: o gênero, que seria a classe mais ampla da qual o sujeito pertence (animal); a diferença, que permite a distinção na classe, o sujeito (racional); a espécie, que sintetiza mais ainda o gênero e a diferença (animal racional); o próprio, que tem participação na essência do sujeito sem dizer exatamente o que ele é (rissonho) e, por fim, o acidente, que seria aquilo que pode ou não pertencer ao sujeito.

Aristóteles acreditava que o universal é algo que é por natureza predicado de vários, podendo ser visto nesse momento a distinção que o mesmo faz de universal e particular, onde o universal seria algo que é atribuído a muitos, enquanto o particular só poder ser atribuído a um único. No seu *De Interpretatione*, por exemplo, escreve:

Algumas coisas são universais e outras individuais. Chamo universal aquilo que é naturalmente capaz de ser predicado de muitos objetos e chamo individual aquele que não o é. Assim homem é um universal [...], Callias uma coisa individual.<sup>5</sup>

Tal universal só é apreendido mediante uma observação dos casos particulares, sendo assim, o universal seria, portanto, uma atividade intelectual advinda de um conhecimento empírico. É num comentário feito por Porfírio, à obra *Categorias* de Aristóteles, que podemos visualizar aquilo que dá início à discussão dos universais no período medieval.

### 1.3 Porfírio

Nos primeiros séculos da era cristã, houve uma proliferação de várias escolas de lógica, como, por exemplo, a escola estóica e a peripatética. As mesmas produziram vastos conteúdos de lógica. Porfírio, discípulo de Plotino, se destaca nos seus estudos dos textos sobre a lógica aristotélica.

Ele é autor de um importante comentário da obra aristotélica, intitulada *Categorias*, como já dissemos. Tal comentário, que recebeu o nome de *Isagoge*, foi utilizado por um longo período como introdução à obra aristotélica. É nesse comentário que Porfírio introduz a discussão sobre os universais.

Logo na introdução do seu texto, Porfírio elabora três questões relativas à existência dos universais. Tais questões são:

Antes de mais, no que se refere aos gêneros e às espécies, a questão é saber se eles são realidades em si mesmas, ou apenas, simples concepções do

<sup>5</sup> De Interpretatione, 7 (17<sup>a</sup> 38 ss.) *Apud* KNEALE, 1962. p. 201.

intelecto, e, admitindo que sejam realidades substanciais, se são corpóreas ou incorpóreas, se, enfim, são separadas ou se apenas subsistem nos sensíveis e segundo estes.<sup>6</sup>

A partir dessas afirmações, podemos entender gênero e espécie como sinônimos dos universais, como pretendia Porfírio. Isso pode, então, ser resumido como linha central do desenvolvimento da problemática dos universais.

Porém, apesar dessa questão nos ser apresentada já no século III por Porfírio, o mesmo baseia o problema no platonismo e no aristotelismo, dando ao universal um sentido ontológico. Não era do intento do filósofo trazer soluções para o problema, por isso tal questão será bem mais trabalhada no século XII, onde o estudo da lógica ganhará mais força e haverá uma grande produção intelectual.

## 2 OS MEDIEVAIS E O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

A filosofia de Platão e Aristóteles serviu como ponto de partida para a discussão medieval sobre o problema dos universais, como já dissemos. Durante uma boa parte do medievo, os universais foi um dos temas centrais nas discussões intelectuais e muitos filósofos versaram sobre tal questão.

Muitos foram aqueles que trataram da lógica no medievo. Podemos citar Alcuíno (730-804) com sua obra intitulada *Dialética*, bem como também João Escoto Erígena (810-877) que usou pela primeira vez métodos silogísticos em uma exposição doutrinária. Porém, foi após o comentário de Boécio ao *Isagoge* de Porfírio, que se deu, propriamente, a busca medieval pela compreensão do problema dos universais.

Partindo dessa breve introdução, buscamos tratar nesse capítulo os principais representantes que versaram sobre tal problema. Começamos com Boécio, que foi um dos precursores de tal busca, bem como apresentaremos, também, a duas principais teses, a saber, o Realismo e o Nominalismo, que trataram de maneiras distintas sobre o problema e que influenciaram de maneira direta Pedro Abelardo na sua posição sobre os universais.

---

<sup>6</sup> Mox de generibus et speciebus illud quidem sive subsistunt sive in solis nudis purisque intellectibus posita sunt sive subsistentia corporalia sunt an incorporalia, et utrum separata an in sensibilibus et circa ea constantia, dicere recusabo (altissimum enim est huiusmodi negotium et maioris egens inquisitionis); illud vero quemadmodum (Porphyrii Isagoge - translatio Boethii. [http://hiphi.ubb.cluj.ro/fam/texte/porphyrisagoge\\_1.htm](http://hiphi.ubb.cluj.ro/fam/texte/porphyrisagoge_1.htm) acessada em 14/09/2002).

## 2.1 Boécio e sua contribuição para a questão dos universais<sup>7</sup>

Anício Manilo Severino Boécio – nascido de uma ilustre família patricia, estudou filosofia em Atenas, foi Cônsul e ministro de Teodorico. Foi preso e morto após ser acusado de conspiração em Constantinopla<sup>8</sup>. Boécio tinha como objetivo traduzir para o latim as obras de Platão e Aristóteles e, assim, mostrar que havia um acordo entre ambas. Foi ao comentar a *Isagoge* de Porfírio que Boécio deu início as discussões sobre o problema dos universais. Problema esse que foi desenvolvido durante toda a Escolástica, sendo considerado por alguns estudiosos, como o problema central da Escolástica.

Ao comentar a *Isagoge* de Porfírio, Boécio encontra três questões fundamentais proposta pelo autor: a) se existem ou não os universais - ou seja, os gêneros e as espécies: animal, homem etc.; b) se eles são ou não corpóreos; c) supondo que sejam incorpóreos, se estão ou não unidos às coisas sensíveis. Esse é um ponto no qual Platão e Aristóteles divergiam, pois Platão acreditava que o gênero e a espécie se manifestavam antes das coisas, já Aristóteles não, acreditava que se manifestavam nas coisas.

Boécio compreendia que o universal é algo comum a muitos. Este enquanto uno seria negado, posto que o uno não é comum a muitos, sendo assim, não importa se existem várias espécies, desde que o gênero seja um para toda a espécie. Por exemplo, o homem é uma espécie, o macaco é uma espécie, porém ambos pertencem ao gênero animal. Tal gênero abrange todas as espécies de animais, ao mesmo tempo em que cada espécie carrega consigo o gênero universal animal. De acordo com Anderson D'arc Ferreira, para Boécio “podemos falar dos universais ou produzirmos na mente as suas noções de gênero e espécie na medida em que existe, na realidade, junto às coisas sensíveis, algo comum a vários, ou seja, algo universal.”<sup>9</sup>

Porfírio, apesar de ter lançado a questão, evitou respondê-la, porém Boécio apresentou uma solução e julgou tê-la resolvido. A solução apresentada por Boécio segue os argumentos aristotélicos, indicando dois modos pelos quais concebemos ideias, seriam eles por conjunção (composição) e por divisão e abstração. Para Leite Junior, Boécio sugere que,

---

<sup>7</sup> Toda esta parte do nosso trabalho segue, bem de perto, o roteiro do livro de Pedro Leite Junior pela dificuldade que tivemos de encontrar comentários, em português, do problema dos universais tratado por Boécio, bem como por causa do não acesso que tivemos à obra de sua lógica.

<sup>8</sup> Cf. LIBERA, 2008, p. 204.

<sup>9</sup> FERREIRA, 2012 (no prelo). Texto cedido pela organizadora do livro.

“para haver intelecção na mente, mister haja um objeto subordinado, isto é, a mente só concebe algo a partir de uma coisa existente.”<sup>10</sup>

No entanto, uma intelecção produzida por divisão é abstração, como nos assinala Boécio, e mesmo que esta não corresponda à maneira como a coisa é na realidade, não é falsa. Boécio ainda nos assinala a existência de coisas que possuem seu ser em outras, ou seja, existindo em outras e não podendo ser separadas das mesmas, pois se forem separadas elas não subsistiriam. O exemplo que Boécio nos dá para melhor ilustrar essa proposição é o da linha, onde uma linha só existe em um corpo, pois, separada deste corpo, não subsiste. Sendo assim, é no corpo que está a linha. Porém o espírito (*animus*) para Boécio é capaz de apreender pelos sentidos tanto o corpo como também a linha intrínseca a ele. Sendo assim, o intelecto faz uma separação, abstraindo mentalmente a linha isolada do corpo.

Dito de outro modo, a humanidade expressa as semelhanças que existem entre os homens singulares, ainda que os mesmo sejam diferentes em número entre si. Desse modo, quando a mente assimila a semelhança entre os homens se produz a espécie. “Quando, porém, é considerada a semelhança entre diversas espécies, produz-se o gênero”<sup>11</sup> No entanto, gênero e espécie estão dispostos nas coisas sensíveis. Assim diz Boécio:

[...] e não se deve considerar a espécie nada mais do que o pensamento coligido da similitude substancial dos indivíduos dissimiles em número, e o gênero é o pensamento coligido da similitude das espécies. Mas esta similitude, quando está nos singulares, se faz sensível; quando nos universais, se faz inteligível, e do mesmo modo que, quando é sensível permanece nos singulares, quando é inteligida, se faz universal. Subsistem, portanto, nos sensíveis; são inteligidos, porém, fora dos corpos [...]<sup>12</sup>

Boécio julgou ter chegado a uma conclusão dos problemas dos gêneros e das espécies lançado por Porfírio, mostrando dessa forma sua solução:

[...] os gêneros e as espécies subsistem de um modo, são, porém, inteligidos de outro modo; e são incorporais, mas subsistem nos sensíveis, junto com os sensíveis. São inteligidos, porém, fora dos corpos, como por subsistência própria e não tendo em outros seu ser.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> LEITE JUNIOR, 2001, p. 36

<sup>11</sup> Ibidem, p. 37

<sup>12</sup> [...] nihique aliunde espécies esse putanda est, nisi cogitatio collecta ex individuorum dissimilium numero substantiali similitudine, genus vero cogitatio collecta ex epecierum similitudine. Sed haec similitudo cum in singularibus est, fit sensibilis; cum in universalibus, fit intelligibilis; eodemque modo cum sensibilis est, in singularibus permanet, cum intelligitur, fit universalis. Susistunt ergo circa sensibilia, intelliguntur autem praeter corpora [...]. BOÉCIO, Patrologia Latina. 64, 85C. In: LEITE JUNIOR, Pedro. **O problema dos universais: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham.** Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 37.

<sup>13</sup> [...] genera et espécies subsistunt quidem alio modo, intelliguntur vero alio modo, et sunt incorporalia, sed sensibilibus juncta subsistunt in sensibilibus. Intelliguntur vero praeter corpora, ut per semetipsa sustentia, ac non in aliis esse suum habentia. BOÉCIO, PL 64, 85D – 86A. Ibidem, p. 38.

Posto isso, é por conhecermos a semelhança que há nos objetos extramentais, que compomos mentalmente por abstrações as noções de gênero e espécie. Ou seja, só é possível criarmos na mente as noções de gênero e espécie na medida em que existe na realidade, junto aos sensíveis, algo universal, ou seja, comum a vários.

Boécio acreditava que essa conclusão, que segue a ideia de Aristóteles é a única que se pode aceitar para dar continuidade à investigação, sem ter que decidir abandonar ou ir contra a doutrina platônica, onde os universais podiam ser pensados não só independentemente dos corpos, mas também os mesmo existiriam em separados dos particulares.

Os medievais receberam o problema dos universais um tanto mal apresentado por Porfírio, pela insuficiência da resposta dada por Boécio ao problema. Sem meios de estabelecer uma única solução, as atenções dos pensadores se dividiam em duas teses: o realismo e o nominalismo. Para uns, os universais eram coisas (*rei*) e para outros, não são coisas, e sim palavras (*voces*). É exatamente dessas duas teses que iremos tratar agora. Ambas influenciaram diretamente a concepção abelardiana dos universais.

## 2.2 Realismo

A corrente realista possuía como alicerce a concepção platônica, no que se refere à existência do mundo das idéias, das essências dos universais. Tal linha afirmava que os universais são *rei* (coisas). Dentre aqueles que defenderam tal tese, podemos citar Agostinho e Guilherme de Champeaux, sendo esse último seu principal defensor no século XII.

Para os realistas, os universais existiam ontologicamente, ou seja, como *realidades metafísicas universais*, cuja existência seria anterior às coisas particulares. Sendo assim, tudo aquilo que é particular, possui seu fundamento nos universais. Ora, sabemos que é impossível entender algo particular de maneira isolada, porque isso não teria fundamento, então, o que sustentaria tal realidade particular das coisas estaria contida nas realidades ontológicas universais.

Tal modo de pensar foi duramente criticado, fazendo com que o realismo passasse por algumas fases ou estágios. Dentre as várias críticas direcionadas ao pensamento realista, podemos destacar a que foi feita quanto à corporeidade dos universais, onde os realistas afirmavam que os universais eram incorpóreos e que situavam-se no tempo e no espaço, já que o mesmo era constituído metafisicamente e sua essência universal não era limitada. A partir dessa breve apresentação, podemos apontar três fases pelas quais o realismo passou, na concepção de Guilherme de Champeaux.

Na primeira fase, que teve como principal expoente Guilherme de Champeaux, o realismo toma um tom mais radical, onde caracteriza que a realidade substancial dos universais se encontra inteiramente e essencialmente em todos os indivíduos. Os indivíduos apenas se diferenciam por seus acidentes, fazendo-os, assim, anteriores às coisas (*ante rei*). Os gêneros e as espécies existiriam como exemplos, ideias advindas do pensamento divino. Sendo assim, há a humanidade e a natureza humana, e delas participam todos os indivíduos.

A segunda fase se deu após a divergência entre Abelardo e seu então mestre Guilherme. Divergência esta referente à resposta realista ao problema dos universais. Guilherme então optou por adotar outra idéia, onde negava a presença total das essências nos indivíduos particulares, passando a acreditar que a realidade dessas essências, embora exista, não está essencialmente nem totalmente nos indivíduos, nas coisas particulares, esta se encontra particularmente em cada um deles, sendo assim, o universal é dividido, se encontrando de forma particular em cada indivíduo.

Na terceira fase, defendida por Guilherme, se afirmava que a essência comum dos indivíduos não seria igual, apenas semelhante, fazendo assim com que a resposta sobre o problema dos universais assumisse um tom conceitualista. Esse conceitualismo negaria a realidade dos universais nas coisas em si, afirmando sua existência apenas como conceito, se apresentando diferentemente em cada particular.

### 2.3 Nominalismo

Em oposição a corrente anterior surge outra, que podemos chamar de nominalismo, ou melhor, “vocalismo”. Esta surge da contraposição lançada por Boécio entre *res* e *vox*. Entre aqueles que adotaram esta corrente, podemos citar Enrico de Auxerre (841-876) e aquele que teria dado início ao pensamento nominalista no medievo, *Roscelino*.

Por nominalistas, podemos entender que são aqueles que consideravam os universais como simples nomes. Eles acreditavam ser impossível atribuir qualquer valor ontológico aos universais, ou seja: “nas suas concepções, os conceitos universais não são reais, nem tem nenhum valor de semântica<sup>14</sup>, nem mesmo possui algum valor de predicação ao se referir à realidade.”<sup>15</sup>

Podemos entender que eles consideravam os universais como puros “termos” das coisas existentes que seriam realidades particularizadas, ou seja, todo existente, porém apenas

---

<sup>14</sup> Roscelino usa o termo no sentido de dizer o que os nomes não são conceitos, não possuem significados, os mesmos seriam apenas significantes.

<sup>15</sup> LEITE JUNIOR, 2001 p. 75

enquanto particular. Sendo assim, o nominalismo seria como uma afirmação da singularidade absoluta do real, impossibilitando o singular de tornar-se universal, bem como impossibilitando, também, o universal de se tornar singular.

Posto isso, os conceitos, as substâncias universais seriam apenas puros nomes – donde advém o nome dado a esta corrente: meros sons, são sopros de voz (*flatus vocis*), nada que correspondesse ao universal, tudo é singular. O universal seria de acordo com Leite Junior<sup>16</sup>:

[...] um sinal linguístico mental, do todo da capacidade de ser predicado de muitas coisas. Sob essa perspectiva, unicamente tem existência real os indivíduos singulares, pois os universais não são entidades efetivamente existentes, mas apenas termos da linguagem.

Portanto, o nominalismo traria consigo uma espécie de afirmação do particular, ou seja, tudo que existe, existe de maneira particular, singularmente, no particular. A única coisa que os indivíduos compartilhariam é um nome comum, uma espécie de etiqueta que escolhemos para cada um deles e não queremos atribuir a outros.

Roscelino chega a uma interpretação puramente verbalista dos universais. Essa teoria deve ser tratada com cautela, pois, para citar só um exemplo, a aplicação do nominalismo para a explicação da Santíssima Trindade nos conduziria a um triteísmo<sup>17</sup>, ou seja, se existem três pessoas, existem três deuses.

### 3 PEDRO ABELARDO E O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Nascido perto de Nantes, Le Pallet, por volta de 1079, Abelardo desde muito cedo foi um amante dos estudos. Amava tanto as letras que desistiu da carreira militar e até mesmo de sua herança e seu direito de primogênito. Porém ele nunca deixou de combater, agora suas armas eram os argumentos dialéticos, travando batalhas de lógica. Recebeu de Roscelino de Compiègne sua primeira educação em Loire. De acordo com Carvalho<sup>18</sup>, Roscelino deve ter chegado a Loches por volta de 1093, depois de ter sido acusado de heresia em Soissons e de uma breve permanência em Inglaterra. Tendo sido acusado por heresia por Anselmo da

<sup>16</sup>LEITE JUNIOR, 2001. p. 30

<sup>17</sup>TRITEÍSMO (in. *Tritheism*, fr. *Trithéisme*, ai. *Tritheism us*: it. *Triteismo*). Com este termo designa-se comumente a heresia trinitária que consiste em admitir três substâncias divinas relativamente independentes. Essa heresia foi sustentada no séc. V por João Filopono e no séc. XI por Roscelin. que, segundo relato de S. Anselmo, afirmava que "as três pessoas da trindade são três realidades, como três anjos e três almas, embora sejam absolutamente idênticas em vontade e potência" (*De fide Irinitatis*, 3). Gilbert cie Ia Porrée também se inclinava ao T.. chamando de *deidadeii* única essência divina, da qual participariam as três pessoas diferentes; é provável que Gioacchino Da Fiore (séc. XII) adotasse esse ponto de vista. Trata-se cie uma doutrina constantemente condenada pela Igreja. In ABBAGNANO, 2007. p. 976.

<sup>18</sup>CARVALHO, 2001. p.13



Cantuária, o arcebispo dessa cidade refutará sua ideia dialética na obra sobre A Encarnação do Verbo (*De incarnatione Verbi*).

O ensino de Roscelino, com certeza deve ter despertado em Abelardo o interesse pelo estudo da dialética. Abelardo então se dirigiu a Paris, onde o estudo da dialética estava tendo grande destaque. Chegando a Paris, se tornou discípulo de um dos mestres mais afamados da cidade, o realista Guilherme de Champeaux, com quem desenvolveu mais tarde uma grande antipatia, pois Abelardo sempre derrotava seu mestre nos debates, provocando também a inveja entre os condiscípulos, pois estes se sentiam diminuídos perante o sucesso de Abelardo.

É evidente o desempenho de Abelardo na lógica. Ele não se limitou apenas a seguir uma determinada linha de raciocínio, ele inovou em muitos aspectos a maneira como a lógica era vista na época. Ele aplicou a lógica na teologia, de maneira primorosa, de modo que a dialética contribuiu para a compreensão de alguns dogmas da igreja, bem como para desmascarar aqueles que faziam mau uso da dialética, levando a teologia para terrenos heréticos. Além disso, ele escreveu uma obra autobiográfica nomeada *Historia Calamitatum* onde ele descreve desde seu nascimento até todos os seus infortúnios, muitos causados pelo seu sucesso como professor de lógica. Tempos depois, no auge da fama, conhece Heloísa e se apaixona, desse relacionamento nasce um filho, que recebeu o nome de Astrolábio. As obras de Abelardo versam sobre diversos temas: teologia, exegese bíblica, sermões, ética, lógica, bem como a poesia e as cartas, tendo um importante papel em todos os setores.

Abelardo define a lógica ou dialética (para ele estes dois termos dizem o mesmo) como a arte de avaliar e distinguir entre argumentos válidos e inválidos, seja em que domínio da ciência for, bem como a de explicar a razão pela qual eles são ou não válidos.<sup>19</sup>

Pedro Abelardo teve grande êxito tanto no estudo da teologia como no estudo da lógica e do seu ensino, como já dissemos. É praticamente impossível separar a vida de Abelardo das suas obras, e estas foram inúmeras. Podemos destacar apenas algumas, que tiveram grande importância. As mais importantes obras que versaram sobre a lógica, foram: a *Logica Ingredientibus* ou *Glosas sobre Porfírio, Categorias e Periermeneias*; as pequenas *Glosas* ou *Logica Nostrorum petitioni sociorum* e o *Tractatus de intellectibus*, este dedicado ao estudo da produção do pensamento na mente através de um processo dividido em cinco fases: sensação, imaginação, pensamento, conhecimento e juízo.

---

<sup>19</sup> Cf. CARVALHO, 2001. p.17



### 3.1 A posição de Abelardo sobre os Universais

Abelardo acreditava que o universal não é uma coisa, e sim um nome (com significado) ou uma palavra, pois quando deixamos de lado todas as formas das universalidades das coisas, o que nos resta para conferir a elas são nomes ou palavras. Para explicar essa afirmação ele propõe esclarecê-la em quatro pontos, a saber: a) por que podemos aplicar o mesmo nome a vários indivíduos? ; b) a natureza das representações universais; c) diferenciação dos conceitos universais e os conceitos particulares e d) o valor dos nossos conceitos.

Com relação ao primeiro ponto, no que se refere ao porquê de aplicarmos o mesmo nome a vários indivíduos, Abelardo diz que mesmo que certas coisas sejam distintas tanto na essência quanto na forma, elas são semelhantes umas as outras. Isso ocorre através da participação das mesmas no mesmo predicado. Por exemplo: “A criança convém no estado de criança”, o que nos mostra que enquanto crianças, elas são diferentes entre si, não possuindo semelhanças reais nas suas essências.

Desse modo, se predica na palavra a universalidade, tornando possível a aplicação das mesmas em vários indivíduos diferentes, tornando-os assim semelhantes, sem existir perda em sua essência e na forma. Já em relação ao segundo ponto, no que alude à natureza das representações, Abelardo explica que as imagens são na verdade construções, ou seja, ficções do nosso entendimento, das quais as coisas se assemelham. Para chegar a tal conclusão ele parte do princípio de que os sentidos são diferentes do entendimento, na medida em que um capta as qualidades das coisas por meio dos órgãos corporais, enquanto o entendimento não carece de tais órgãos. Por exemplo, quando conhecemos uma flor, e esta for é retirada da nossa frente ou destruída, aquilo que obtivemos pelo conhecimento sensível cessa, mas não o entendimento, porque ele é capaz de guardar a imagem “espiritual” da flor.

Neste sentido, Abelardo, para chegar a uma natureza das representações universais, constrói uma teoria da abstração, onde o seu princípio parte das relações das coisas que são assentadas pelo espírito, e para onde o intelecto se dirige, originando assim as ficções do entendimento semelhante às coisas. Essa teoria nos conduz as considerações que Abelardo vai fazer acerca do terceiro ponto, no que se refere à diferença dos conceitos universais e dos conceitos particulares. Assim sendo, quando se expressa um conceito, é expresso o nome de uma coisa que seja uma imagem comum ou indeterminada de várias coisas, esse conceito é universal. Já quando se expressa o nome de uma forma propriamente dita de uma coisa só, de maneira singular, o conceito dado é particular. Necessariamente a diferença entre ambos é que o conceito universal é globalizante e menos claro, e o conceito particular é mais claro e se

dirige a uma única coisa. Diferenciados os conceitos, Abelardo afirma que o saber universal só tem valor quando deriva das coisas sensíveis individuais. Sendo assim, os universais só existem a partir dos singulares e não de uma simples opinião. Como apreendemos o nosso conhecimento através das coisas sensíveis, os universais só podem existir a partir das coisas particulares, e o que não deriva delas, não passa de simples opiniões.

Sabemos, então, que a realidade dos universais está no sentido do mesmo ser o significado do nome. Nesse caso, qual é a origem desse significado? Segundo Abelardo, a origem está na abstração. Abstração, essa, daquilo que presto atenção. Sempre que focamos nosso sentido em algo, nunca conseguimos observar o todo, sempre abrangemos algo a parte e não vemos o que a ele está unido.

Os nossos sentidos operam dessa maneira quando se trata de algo composto, como por exemplo, ao olharmos uma maçã e uma parte dela está verde e a outra vermelha, é possível verificar que o verde e o vermelho estão unidos, isso só é possível ao analisarmos uma hora a parte verde e em outro momento a parte vermelha, olhando-as separadamente de maneira que as mesmas continuem juntas. É assim que age o nosso intelecto, ele considera as abstrações, ao mesmo tempo em que não as toma como coisas separadas, divididas. O que se pode perceber nessa teoria, é que o papel principal recai sobre a atenção, pois podemos abstrair tantos os conceitos universais quanto os particulares através dela.

### **3.2 A resposta de Abelardo sobre os universais**

Abelardo responde às questões propostas por Porfírio, no que concerne ao local onde se encontram os universais, apenas nas palavras ou nas coisas? Abelardo responde dizendo que os universais se encontram apenas nas palavras. Porém, para que isso fique claro, se faz necessário a distinção entre o conceito de denominação e de significação.

No sentido de, se não existissem seres reais, de onde se pudessem derivar nomes universais, esses não seriam os responsáveis por designar outras coisas. Da mesma forma, mesmo que os singulares desaparecessem, mesmo assim sua significação subsistiria, porque ainda que não existisse um pássaro, poder-se-ia dizer: o pássaro não existe. Pensemos então num outro exemplo: o nome dinossauro não existe como um conceito universal denominativo, pois esta espécie não existe mais e se torna praticamente impossível designar algo. Mas, no entanto, o nome dinossauro subsiste como significação, isso significa dizer que no nosso entendimento já possuímos uma ideia formada acerca deste nome, tal ideia nos permite expressar um nome que possibilite o entendimento da sua significação, mesmo que a existência de tal ser não seja real. Por isso podemos comprovar que as palavras têm não só a

capacidade de denominar, mas também a capacidade de significar, mostrando que os universais se encontram nas palavras (enquanto conceitos ou seja, enquanto significam algo), pois mesmo que algo deixe de existir podemos falar por meio das palavras do mesmo e da sua significação e a mesma subsistiria.

Portanto, o que podemos inferir frente a esta questão dos Universais é que para solucionar tal problema, Abelardo baseou-se na função do conceito que é significar as coisas e desta forma aceitava a ideia de Aristóteles “o universal é nascido para ser predicado de muitas coisas”. Neste sentido, segundo Abelardo, quando alega que o universal é aquilo que é predicado de muitos, a fórmula *aquilo que*, empregada no início da definição, é indicadora da significação dos termos universais utilizados e, por sua vez, esta significação é o que diferencia Abelardo dos nominalistas, já que para estes últimos os universais são apenas nomes, não tendo, portanto, significação. Já em relação aos realistas, Abelardo se posiciona também de forma contrária, na medida em que não aceita a ideia de que os universais se encontrem nas coisas singulares. Logo, podemos dizer que a posição de Abelardo, frente ao problemas dos universais, encontra-se como um meio termo entre as duas correntes extremistas e, por isso, talvez, sua teoria seja designada pelos estudiosos não só como “conceitualista” (o que a aproxima do nominalismo), mas também como “realismo moderado” (o que a aproxima do realismo), sem, entretanto, fazer de Abelardo, um nominalista ou um realista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procuramos demonstrar, o problema dos universais foi tratado desde a antiguidade por Platão e Aristóteles e posteriormente por Porfírio (embora abordassem os conceitos universais, não chamaram tal reflexão de “problema dos universais”), onde a partir deste último, os filósofos medievais tiveram acesso ao tema. Partindo da obra *Isagoge* de Porfírio, que foi traduzida e comentada por Boécio, que após ter feito tal trabalho, deu início as discussões no período medieval.

Boécio compreendia o universal como sendo algo de muitos, esse possuindo realidade apenas junto dos sensíveis. Os seus comentários abriram margem para que outros pensadores tratassem do tema e lançassem seus conceitos acerca do problema. Os realistas e os nominalistas foram as duas linhas de pensamento mais importante do medievo, e seus conceitos acerca do universal influenciaram de modo direto a construção do conceito abelardiando dos universais. Abelardo, tendo sido considerado um dos principais pensadores

de sua época, contribuiu de forma ímpar para o desenrolar desse problema, concebendo os universais como aquilo que significa as coisas particulares, seguindo a ideia aristotélica, de que “os universais é aquilo que se predica a vários”. Assim, ele funda uma nova maneira de pensar, a qual foi atribuída o nome de conceitualismo.

O que observamos, também, é que toda essa querela sobre os universais foi importante, não apenas para o desenvolvimento da lógica, mas para a História da Filosofia como um todo, posto que o mesmo, ao promover essas “disputas” entre os pensadores do medievo, fez com que as produções se desenvolvessem ainda mais no âmbito da lógica e da linguagem na contemporaneidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABELARDO, Pedro. **A história das minhas calamidades**. Tradução do Prof. Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2005. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. **Lógica para Principiantes**. Tradução Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2005.

BERTELLONI, C. Francisco. **Pars construens: La solución de Abelardo al problema del universal em la 1ª parte de la Lógica “Innredientibus”**. *Patrística et Medievalia*, VIII, 1987.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Tradução e nota introdutória de Raimundo Vier, O.F.M. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARVALHO, Mário Santiago de. **Lógica e paixão: Abelardo e os Universais**. Coimbra: Edições Minerva Coimbra. 2001. (Coleção Maiêutica 4).

CUADRADO, José Angel García. **Lógica, gramática, metafísica. La distinción ‘nombre’ y ‘verbo’ em Pedro Abelardo**. *Metafísica y antropología em el siglo XII*. Maria Jesús Soto Bruna (editora) Colección de Pensamento Medieval y Renascentista. N. 69

DUCLÓS, Miguel. **O problema dos universais em Pedro Abelardo**. Trabalho Originalmente Apresentado para a FFLCH/USP. Disponível em [http://www.consciencia.org/pedro\\_abelardo.shtml](http://www.consciencia.org/pedro_abelardo.shtml) Acessado em 15/08/2011.

FERREIRA, Anderson D’arc. **Aspectos introdutórios sobre a lógica e linguagem na idade média**. Livro no prelo. Gentilmente cedido pela organizadora do livro. 2012. 22 p.

FRAILE, Guillermo, O. P.; URDANOZ, Teófilo, O. P. **Historia de La Filosofía II: El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica.** Madrid: BIBLIOTECA DE AUTORES CRISTIANOS, MCMLXXXVI.

JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. **A resposta de Pedro Abelardo ao problema dos universais.** *ÁGORA FILOSÓFICA.* Filosofia medieval. N. 1/2 Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches - FASA. 2003. 129 p.

KNEALE, William; KNEALE, Marta. **O desenvolvimento da Lógica.** Prefácio de William Kneale. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

KOBUSCH, Theo (org.). **Filósofos da idade Média: Uma introdução.** Tradução de Paulo Astor Soethe. São Leopoldo, RS: EDITORA UNISINOS. (Coleção História da Filosofia).

LEITE JUNIOR, Pedro. **O problema dos universais:** a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. 167 p.

LIBERA, Alain de. **A filosofia medieval.** Tradução de Nicolás Campanário e Yvone da Silva. São Paulo: Loyola, 1998.

MARIAS, Julián. **História da filosofia.** Prólogo de Xavier Zubiri; epílogo de José Ortega y Gasset; tradução de Caludia Berliner; revisão técnica Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. **“Rir é o próprio do homem”.** Trans/Form/Ação, São Paulo, 21/22: 27-32, 1998/1999. [Doc]

PORFÍRIO DE TIRO. **Isagoge: introdução às Categorias de Aristóteles.** Introdução, tradução e comentário de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.

QUEIROZ, Giovanni da Silva de. **Pedro Abelardo e sua contribuição à lógica: questão dos universais.** Texto produzido para fins acadêmicos. Março de 1992, s/p.

SILVA, Carmiranda Madruga e. **A questão sobre os universais.** Monografia. 38 f. Universidade Federal de Pelotas. 2005. [PDF]

WYLLIE, Guilherme. **Um panorama histórico da lógica medieval.** Aquinate, n.º 5. 2007, 147-165. [PDF] Disponível em [www.aquinate.net/artigos](http://www.aquinate.net/artigos) Acessado em 20 de julho de 2011.